

Exemplos de fé (3): Davi

Texto para meditar sobre a virtude da fé, com base na vida do rei Davi. O monarca sempre soube confiar em Deus, e voltar, mesmo depois de ter se afastado d'Ele.

21/07/2017

O rei Davi ocupa um lugar relevante na Sagrada Escritura. À sua vida são dedicadas mais páginas que a nenhum outro personagem do Antigo Testamento, exceto Moisés. Ele “é por excelência o rei "segundo o coração

de Deus", o pastor que ora por seu povo e em seu nome, aquele cuja submissão à vontade de Deus, cujo louvor e arrependimento serão o modelo da oração do povo"[1].

Depois de ter considerado o papel da fé na vida de Moisés e a profunda relação existente entre a sua confiança em Deus e ao assumir com radicalidade a própria vocação, o exemplo de Davi pode servir-nos para apreciar, entre outros aspectos, como a vida de fé traz consigo uma atitude ativa de confiança e abandono nas mãos de Deus, um empenho por buscar, sem desânimos, a correspondência total aos desígnios divinos, um esforço por recomeçar a luta espiritual sem abatimento, uma e outra vez, com novo vigor, depois de uma queda no pecado; sem confundir tudo isso com um vago sentimento de presunção no próprio valor pessoal ou de confiança superficial na misericórdia divina.

Nas mãos de Deus

Os livros de Samuel e Primeiro de Reis[2] descrevem com grande realismo a história de Davi: uma vida cheia de altos e baixos, em que o autor sagrado enfatiza o fato de que Deus sempre o atende e que o filho de Jessé se coloca sempre confiantemente nas mãos de Deus, recorrendo a Ele, especialmente nos momentos de maior perigo. Davi se abandona completamente nas mãos do Senhor, com “a certeza de que, por mais duras que sejam as provas, difíceis os problemas e pesado o sofrimento, nunca cairemos das mãos de Deus, essas mãos que nos criaram, nos sustentam e nos acompanham no caminho da vida, porque as guia um amor infinito e fiel”[3]. Junto a isto, chama a atenção a maneira em que em Davi vão se cumprindo os desígnios divinos. É ungido rei pelo profeta Samuel, porque o Senhor o escolheu, apesar

de que no momento histórico da sua chamada era considerado o de menor valor entre seus irmãos, pois: o olhar de Deus não é como o do homem. **O homem vê a aparência, o Senhor vê o coração**[4]. A unção, certamente, não concedeu por si só o trono a Davi: devia lutar – pondo sempre a sua confiança em Deus – contra a oposição de Saul e suportar muitas contradições em todos os lugares antes de ser aclamado e ungido, primeiro como rei de Judá pela sua tribo e, sete anos mais tarde, como rei de todo Israel[5], superando a resistência dos partidários de Isbaal, filho de Saul. Afirma então o texto bíblico que **Davi percebeu que o Senhor o confirmava como rei sobre Israel e exaltava sua realeza, por causa do seu povo Israel**[6].

Se num primeiro momento, portanto, parecia que Davi estava chegando ao trono e estabelecendo o seu reino por meio da sua valentia e astúcia, na

realidade, em sua história vemos cumprir-se que ***a atitude do homem de fé é olhar para a vida, em todas as suas dimensões, sob uma perspectiva nova: a que Deus nos dá [7]***. A Sagrada Escritura nos permite apreciar, além disso, que Deus conta com as iniciativas e esforços do homem para realizar seus projetos... O que teria acontecido se Davi, homem de fé, tivesse pensado que para receber o que Deus havia prometido bastava deixar o tempo passar, ou, simplesmente, esperar que o povo fosse aclamá-lo?

Há muitos momentos na história de Davi onde podemos contemplar o exemplo da sua fé ativa, que o move a fazer o que deve e confiar em que Deus está a seu lado assegurando o seu êxito. Um caso bem conhecido é o seu combate contra Golias, aquele gigante do exército filisteu de uns três metros de altura e bem treinado

para a guerra. O texto bíblico detém-se em descrever a corpulência e a armadura do filisteu e como era desproporcional que Davi, até então um pastor de gado, inexperiente na guerra, cuja única arma era sua funda, o enfrentasse. Porém, na verdade, o maior contraste estava na atitude que movia os dois combatentes: a soberba do filisteu, **para insultar as fileiras do Deus vivo[8]**, choca diante da fé de Davi, que sai para o combate **em nome do Senhor dos exércitos[9]** convencido de que **o Senhor, que me salvou das garras do leão e do urso, salvar-me-á também das mãos desse filisteu[10]**.

É essa fé que também move Davi a preparar-se da melhor forma possível para o combate: escolhe como arma a funda, cujo poder conhece bem, e seleciona cuidadosamente as pedras que vai lançar. Os meios são

desproporcionais diante do equipamento do inimigo, porém com eles conseguirá a vitória. Cumprem-se aqui, cabalmente, essas palavras de São Josemaria: ***Serve ao teu Deus com retidão, sê-Lhe fiel... e não te preocupes com mais nada. Porque é uma grande verdade que, “se procuras o reino de Deus e a sua justiça, Ele te dará o resto – o material, os meios – por acréscimo”[11].*** Por outro lado, a fé e confiança de Davi no Senhor o levam a explorar toda a sua habilidade. É uma lição que deixa ao cristão que deve levar adiante as obras que Deus põe em suas mãos: ***Aquele que vive sinceramente a fé, sabe que os bens temporais são meios, e emprega-os com generosidade, de modo heroico[12].***

Davi atua colocando todos os meios ao seu alcance e abandona nas mãos de Deus os resultados da sua ação. A

sua fé no Senhor faz com que não perca o ânimo, inclusive quando as circunstâncias adquirem tons dramáticos: *Diferentes textos das Escrituras, nas suas múltiplas alusões, confirmam-nos que inter médium montium pertransíbunt aquæ*(Sl103/104, 10). *Essa certeza contrapõe-se até ao menor sinal de desalento, ainda que os obstáculos possam atingir grandes alturas; e este é o caminho oportuno para que cheguemos ao Céu, certos de que as águas divinas purificam e também impulsionam todas as nossas limitações para chegar a estar com Deus [13].*

La humildade de saber voltar a Deus

Ao mesmo tempo, a vida de Davi reflete outro aspecto importante desse saber-se nas mãos de Deus. A narração bíblica expõe com detalhes alguns graves pecados de Davi dos

quais, por sua fé e confiança em Deus, conseguiu purificar-se alcançando o perdão divino. Nesse sentido, talvez o episódio mais conhecido foi o seu gravíssimo pecado de adultério com Betsabé seguido do assassinato de Urias, seu legítimo esposo[14]. Um pecado que é fruto de uma vontade fraca, que terminou distorcendo e obscurecendo todo um amplo horizonte de graças divinas recebidas.

O segundo livro de Samuel conta que estando por começar a guerra contra os Amonitas, Davi enviou seu exército para o combate. Ele, no entanto, permaneceu em Jerusalém. O texto bíblico descreve gradualmente as circunstâncias que conduziram à queda mortal de Davi: abandona seu dever de dirigir o exército, como era então costume habitual entre os reis, preferindo ficar confortavelmente na cidade;

passa o dia ocioso, levantando-se ao entardecer e passeando tranquilamente pelo terraço; deixa a vista vagar de um modo indiscreto e imprudente; aceita a tentação; envia mensageiros para informar-se da possibilidade de atuar de acordo com o seu desejo; e finalmente comete o gravíssimo pecado de adultério. A tudo isto se seguiu um pecado talvez ainda maior: planejar meticulosamente a morte do legítimo esposo de Betsabé, Urias o hitita, um de seus oficiais mais leais, valente e generoso, enumerado entre o grupo dos grandes heróis do reino davídico em *2 Sam 23, 39*.

O relato mostra, paradigmaticamente, a impressionante capacidade do coração humano de fazer o mal, apesar das boas disposições previamente existentes e da abundância de dons divinos recebidos. Davi age de uma forma

sem precedentes se consideramos a fé que havia mostrado no passado; porém deixou que a inveja e a sensualidade corrompessem a sua vontade. O ensinamento que o texto sagrado oferece é evidente: quando a busca do bem e do progresso na amizade com Deus é negligenciada, a vontade tende a distorcer-se até obscurecer totalmente a inteligência, levando o homem a cometer os crimes mais dolosos. Todos os cristãos podem cair neste perigo; por isso São Josemaria deixou escrito:

Não te assustes nem desanimes ao descobrir que tens erros..., e que erros! Luta por arrancá-los. E, desde que lutes, convence-te de que é bom que sintas todas essas fraquezas, porque, de outro modo, serias um soberbo: e a soberba afasta de Deus. [15].

O profeta Natã será o meio usado por Deus para tirar o rei da sua triste situação. Natã utilizará uma

parábola de inusitada beleza, uma das primeiras que encontramos na Bíblia, apresentando-a como um fato real. O profeta expõe o caso de um homem rico que tinha ovelhas e bois em abundância, mas que, para acolher um hóspede, não querendo fazer uso de seus bens, tira de um homem pobre da cidade o único que tinha e amava, uma ovelhinha que era para ele como uma filha[16].

Diante da indignação de Davi, Natã mostrará ao rei que ele era esse homem rico, que havia abusado da confiança de Urias e o havia despojado do seu maior bem. Davi não pode deixar de reconhecer o seu grave pecado e a enorme injustiça que tinha cometido: **Pequei contra o Senhor**[17]. Deve-se acrescentar algo particularmente notável na recriminação de Natã: a nobre delicadeza, que não desfoca a clareza com que o profeta fez o rei compreender o mal gravíssimo que tinha cometido, levando-o assim a

uma verdadeira e sentida
compunção.

Com as suas palavras, Natã consegue despertar a consciência e a fé de Davi, e o anima a buscar o perdão divino, que lhe é dado ao confessar o seu pecado diante do Senhor. Foi o início de uma nova vida, que levou o rei a aproximar-se ainda mais do Deus de Israel. Temos de um exemplo vivo de como no caminho para a santidade, é importante lutar para não cair, mais é ainda mais importante não ficar caído no chão[18]. Segundo uma antiga tradição, a dor manifestada por Davi diante da consciência do seu pecado ficou registrada no Salmo 50, conhecido como o salmo *Miserere*. Nesta oração, por um lado o salmista reconhece com verdadeira dor o mal cometido, confessa o seu pecado, que significa uma ofensa a Deus e se dirige a Ele pedindo-lhe que pela sua bondade e misericórdia o

purifique[19]; por outro lado, mostra a sua confiança plena na misericórdia divina, pois reconhece que a graça de Deus é mais forte do que a sua miséria[20], e faz um propósito firme e decidido: se compromete, como manifestação do seu arrependimento sincero, a mudar de vida e a mostrar aos homens os caminhos de Deus para que se convertam[21].

O Salmo reflete bem qual devia ser a disposição interior de Davi quando percebeu claramente a magnitude do seu pecado. Não pensou que estivesse perdido, não deixou que a sua queda o mantivesse afastado de Deus, mas o levou a buscar a misericórdia divina, sabendo que era muito maior do que o seu pecado, por mais terrível que fosse. Um exemplo que a Escritura oferece para as nossas vidas, para a nossa mesquinhez e debilidade, que a soberba se empenha em tornar

grande. Neste torneio de amor, não nos devem entristecer as nossas quedas, nem mesmo as quedas graves, se recorremos a Deus com dor e bom propósito, mediante o sacramento da Penitência. O cristão não é nenhum colecionador maníaco de uma folha de serviços imaculada[22].

Tantas vezes somos nós mesmos, por assim dizer, que não estamos dispostos a nos perdoar, porque gostaríamos de não falhar, ser perfeitos, irrepreensíveis.

O Senhor nos ama do jeito que somos. “Ele sempre nos espera, amamos, perdoou-nos com o seu sangue e perdoa-nos cada vez que nos dirigimos a Ele para pedir o perdão”[23]. Ele é nosso Pai, que nos conhece melhor do que nós mesmos e responde à nossa debilidade com a sua infinita paciência; de fato, o caminho para a santidade “é uma espécie de diálogo entre a nossa

fraqueza e a paciência de Deus – um diálogo, que, se entrarmos nele, nos dá esperança”[24]. Deus não quer que condescendamos com as nossas faltas: deseja e nos ajuda para que caminhemos pelos caminhos da vida interior com elegância, com soltura, sem termos medo de cair porque sabemos que estamos nas suas mãos, prontas a nos perdoar e a nos abençoar; porque sabemos que, se cairmos, com a sua graça que nunca nos faltará podemos voltar a nos levantarmos e a caminhar melhor que antes. Por isso, “a paciência de Deus deve encontrar em nós a coragem de regressar a Ele, qualquer que seja o erro, qualquer que seja o pecado na nossa vida”[25].

De tudo isso nos dá exemplo Davi, que sabe oferecer ao Senhor o que Ele mais deseja: **um coração contrito**[26], amante, completamente dirigido a Ele, com a confiança posta nele. Todos podemos

nos dirigir a esse rei bíblico que, com todas as suas debilidades, soube ser “um orante apaixonado, um homem que sabia o que quer dizer suplicar e louvar”[27].

A. Aranda e Miguel Ángel Tabet

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2579.

[2] Cfr. particularmente de 1 Sm 16 a 1 Re 2, 12. Cfr. também 1Cr 10-29 e Sir7, 1-11.

[3] Bento XVI, *Audiência Geral*, 15-II-2012.

[4] 1 Sm 16, 7.

[5] Cf 2 Sm 2, 4; 5, 3.

[6] 2 Sm 5, 12.

- [7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 46.
- [8] 1 Sm 17, 26. 36.
- [9] 1 Sm 17, 45.
- [10] 1 Sm 17, 37.
- [11] São Josemaria *Caminho*, n. 472.
- [12] São Josemaria *Forja*, 525.
- [13] Mons. Javier Echevarría, *Carta Pastoral sobre o "Ano da Fé"*, 29-IX-2012, n. 6.
- [14] Cf. 2 Sm 11.
- [15] São Josemaria *Forja*, 181.
- [16] Cf. 2 Sm 12, 1-14.
- [17] 2 Sm 12, 13.
- [18] Cf. Francisco, *O nome de Deus é misericórdia*, Planeta, 2016.
- [19] Cf. Sal 50, 3-9.

[20] Cf. Sal 51 (50): 9-14.

[21] Cf. Sal 51 (50), 15-18.

[22] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 75.

[23] Francisco, *Regina coeli*. San Pedro Square. II Domingo de Páscoa ou Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013

[24] Francisco, *Homilia na Basílica de São João de Latrão*. II Domingo de Páscoa ou Divina Misericórdia, 7 de abril de 2013. Tomada de posse da cátedra do Bispo de Roma.

[25] Ibid.

[26] *Sal* 51 (50), 19.

[27] Bento XVI, *Audiência Geral*, Plaza de San Pedro, 22 de junho de 2011.

A. Aranda – M.A. Tábet

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/exemplos-de-
fe-iii-davi/](https://opusdei.org/pt-br/article/exemplos-de-fe-iii-davi/) (28/03/2026)